

“NYANGARA CHENA”: O CULTO À SERPENTE, O HOMEM E A PRÁTICA DE CURA “NYANGARA CHENA”: THE CULT OF THE SNAKE, MAN AND PRACTICE OF HEALING

Vinícius Vasconcelos Castro¹

¹ Possui graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba (2010). Atualmente é professor e coordenador da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: Religiosidade afro-brasileira e Gênero.

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar o livro *Nyangara Chena: A Cobra Curandeira*, autoria de Rogério Andrade Barbosa e ilustração de Salmo Dansa, publicação com o objetivo de ser um livro paradidático infanto-juvenil e recomendado pelo Ministério da Educação para o 6º ao 9º ano do ensino fundamental, distribuído pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2011, objetivando garantir a alunos(as), professores(as) e demais profissionais da escola, o acesso à cultura, a informação e as relações étnicas, além do estímulo a leitura. Procuramos realizar um estudo que relacione a prática de cura e as simbologias presente no conto. O contato com o livro possibilita outra forma de jovens e crianças analisar a cultura do Zimbábue, possibilitando assim um olhar diferenciado a respeito da África e suas múltiplas relações culturais. Além do mais, o paradidático a ser analisado neste texto versará por outras práticas culturais, apresentando a importância da oralidade para a cultura Xona, além de verter um contraponto com o conto e o hibridismo cultural afro-brasileiro desmistificando termos preconceituosos que estão inseridos no espaço e nas práticas escolares, demonstrando que a leitura é uma ferramenta de aprendizagem e de reflexão na educação básica.

PALAVRAS-CHAVES: Relações Étnico-Raciais, Tradição Oral, Serpente Sagrada.

“NYANGARA CHENA”: THE CULT OF THE SNAKE, MAN AND THE PRACTICE OF HEALING

ABSTRACT

This article aims to analyze the book *Nyangara Chena : The Cobra Healer* , by Rogério Andrade Barbosa and illustration of Psalm Dansa , published aiming to be a juvenile non-didactic book recommended by the Ministry of Education for the 6th to the 9th first year of elementary school , distributed by the National school Library - PNBE 2011 , aiming to ensure to the students , teachers and other school professionals the access to culture , information and ethnic relationships besides stimulating reading . We seek to conduct a study that relates the practice of healing and symbols in this tale. The contact with the book allows another form for young children to examine the culture of Zimbabwe, thus enabling a different look about Africa and its multiple cultural relations. Moreover, the non-didactical book analyzed in this article will focus on other cultural practices, showing the importance of oral aspect to Shona culture, as well as pouring a counterpoint to the tale and the African-Brazilian cultural hybridity, demystifying prejudicial terms that have entered the school space and politics, demonstrating that reading is a tool for learning and reflection on basic education.

KEYWORDS: Racial-Ethnic Relations, Oral Tradition and Sacred Serpent.

Introdução

Este artigo se propõe a analisar o livro *Nyangara Chena: A Cobra Curandeira*, de autoria de Rogério Andrade Barbosa¹ e ilustração de Salmo Dansa², publicação com o objetivo de ser um livro paradidático infanto-juvenil e recomendado pelo Ministério da Educação para o 6º ao 9º ano do ensino fundamental, distribuído pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2011. De acordo com Barbosa (2006), a história *Nyangara Chena: A Cobra Curandeira* é originária da atual República do Zimbábue, que, antes de se tornar independente dos ingleses, em 1980, se chamava Rodésia. Esta história pertence à tradição oral do povo xona, etnia majoritária desse país, localizado no sudeste africano. A história do livro se passa em uma aldeia no interior do país; o ancião líder sofre de um problema de saúde e necessita da ajuda da serpente curandeira para sobreviver.

Nesta análise recorreremos ao conceito de símbolo de Bourdieu (1989), para o qual o poder simbólico é analisado como instrumento de conhecimento e de comunicação, como um poder subordinado, irreconhecível, transfigurado e legitimado que descreve as relações sociais como relações de força e modelos pré-estabelecidos pelo ser social, além das representações que lhe estão associadas, como a de descrever os processos nos quais os conceitos são produzidos³.

¹ “Escritor e professor, Rogério Barbosa é graduado em Letras e pós-graduado em Literatura Infantil Brasileira. Trabalha na área de literatura afro-brasileira e em programa de incentivo à leitura, proferindo palestras e ministrando cursos. Participou com autor convidado e contador de história de varias feiras e encontros literários no exterior (Colômbia, Peru, México, Alemanha, Suíça, Itália e África do Sul). É membro da Society of Children’s Book Writers and Illustrators e diretor-executivo da Associação de Escritores Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI – LIJ). Seu nome esteve presente na lista de honra do International Board on Books for Young People (IBBY). Recebeu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras – Categoria Infantil 2005”. BARBOSA, R. A. *Nyangara Chena: A Cobra Curandeira*. São Paulo: Scipione, 2006. p. 24.

² “Salma Dansa nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. Artista plástico e designer com mestrado pela PUC – RJ, já ilustrou clássicos como Drácula, Moby Dick e Rapunzel e textos de vários escritores contemporâneos. Salma Dansa afirma sobre o seu trabalho: ‘Aprendo muito com meus parceiros e meu ofício, por isso gosto de dizer que sou mestre em Design e aprendiz em Arte, pois quanto mais a gente aprende a desenhar, mais coisas surgem para aprender. E isso é muito bom’. Esse talentoso ilustrador teve seu trabalho reconhecido com prêmios como White Ravens, Altamente Recomendável da FNLIJ e da União Brasileira de Escritores de Ilustração e Diagramação, entre Outros”. BARBOSA, R. A., op. cit., p. 24.

³ “As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em formas transfiguradas o campo das posições sociais”. Pierre, BOURDIER. *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1989. p. 11.

Outro conceito presente seria o de representação de Chartier (1988), que busca criar um espaço de trabalhos entre textos e leituras, no intuito de compreender as práticas que constroem o mundo como representação. Procurando assim inspirar-se nas características da história cultural, que concilia novos domínios de investigação como construção de uma realidade social com práticas ou apropriações constituintes de configurações sociais.

Segundo Pesavento (2004), no campo da nova História Cultural, foram deixadas de lado concepções de viés marxista, porque relatam a cultura como integrante da superestrutura, como mero refluxo da infra-estrutura, ou a cultura como manifestação superior ao espírito humano e, portanto, de domínio das elites. Para Pesavento (2004), a Nova História cultural está trazendo outra forma da história tratar a cultura, não sendo mais uma mera história do pensamento, onde os estudos estavam voltados para os grandes nomes e de uma dada corrente ou escola⁴.

Ao utilizarmos os referentes teóricos e metodológicos da História Cultural adotamos esta definição de Pesavento (2004), que a define como uma reinvenção do passado, que se constrói na contemporaneidade, e com ela procuramos analisar os elementos culturais presente neste conto e a simbologia presente na serpente Nyangara Chena.

Para Cosson (2009), a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo, assim no exercício da prática docente o texto literário nos “transforma”, “corta” e “sangra”: Podemos ser outros, podemos viver como outros, rompendo os limites do tempo e do espaço⁵. Escolhemos o conto *Nyangara Chena: A Cobra Curandeira* como análise por ser “curto”, contemporâneo e “divertido”, além do mais, no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção ou a poesia⁶. Contudo, o texto literário tem a função de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza, quebra paradigmas, revela-nos – alunos e alunas – outra forma de olhar a África e suas múltiplas etnias, não mais uma e “negra”, porém uma África recheada de mistérios, história e lendas, rica por sua cultura, fauna e flora.

O ensino de história e da diversidade cultural - não mais centrada em um currículo dito superior, voltado para a “civilização” de matriz europeia – deve se dar sob a perspectiva de novo

⁴ Veja mais em: S. J. PESAVENTO. História e História Cultural. São Paulo: Autêntica 2004. p. 15, a mesma analisa a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens como forma de explicação do mundo.

⁵ Para uma melhor compreensão ver: R. COSSON. Letramento Literário: Teoria e Prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17.

⁶ R. COSSON. op. cit., p. 21.

olhar lançado para estudos e trabalhos em sala de aula para com as culturas de matriz africana e indígena. A LDBEN no seu artigo 26, § 1º define que os conteúdos programáticos incluirão aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir de dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas brasileiros. Contudo, verificamos que o conto aqui analisado serve de base para trabalhos da prática docente em história, possibilitando diferentes olhares sobre a etnia xona, pois está carregado de narrativas étnicas, e sugerindo aos professores a abordagem desta perspectiva em sala de aula.

“Venha Nyangara, Venha Nyangara”⁷”.

O conto analisado pode ser (re)interpretado de diferentes formas, essa história vem de fonte tradicional oral do povo xona, etnia majoritária da República do Zimbábue. Barbosa (2006), assim nos narra: “Em tempos que já se foram, no interior do Zimbábue, havia um chefe do povo xona que era estimado por sua bondade, sabedoria e, principalmente, pelos saberes que adquirira durante sua existência.⁸” Assim, temos a apresentação do conto referente ao chefe da tribo; seu nome era Tangwena, “ele era tão idoso como um tronco de uma árvore centenária⁹”.

Assim o texto inicialmente faz uma referência ao líder ancião, um “sinal de sabedoria e de virtude¹⁰”, de acordo com Barbosa (2006), Tangwena tinha como conselheiro e curandeiro uma cobra, do gênero píton, e o seu nome era: Nyangara, esta serpente era dona da saliva mágica e dotada de poderes sobrenaturais. A serpente “distingue-se de todas as espécies de animais¹¹”, são “criaturas frias, sem patas, sem pelos, sem plumas¹²”, “a serpente é um vertebrado que encarna a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível e misterioso¹³”. Para Barros (2004), a serpente é “empregada como símbolo do ciclo, da renovação (sentido inspirado pela

⁷ R. A. BARBOSA. Nyangara Chena: A Cobra Curandeira. São Paulo: Scipione, 2006. p. 8.

⁸ R. A. BARBOSA. op. cit., p. 7.

⁹ R. A. BARBOSA. op. cit., p. 7.

¹⁰ J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT. Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores e Números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 934.

¹¹ J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT. op. Cit., p. 814.

¹² J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT. op. Cit., p. 814.

¹³ Para uma análise sobre a serpente ver: J. CHEVALIER, A. GHEVALIER. op. Cit., p. 814 – 825.

mudança de peles que ocorre ciclicamente ao animal serpente), mas também pode ser empregado como símbolo da astúcia, da maldade (sentido que remetem ao universo bíblico) ¹⁴”.

O conto chama atenção do leitor pela presença misteriosa da serpente, pela sua simbologia mística, tornando o texto atraente pelas varias forma de ser lido (oralidade, tato, olfato e leitura das iconografias), mas a serpente presente neste conto é um animal que cura é a dona da saliva mágica. Segundo, Chevalier & Gheerbrant (2007), a saliva “apresenta-se como uma secreção dotada de um poder mágico ou sobrenatural de duplo efeito: ela une ou dissolve, cura ou corrompe, aplaca ou ofende¹⁵”. A Nyangara de Barbosa (2006) apresenta-se como um animal que usa a sua saliva misturada à operação da palavra, assumindo a instrumentação da cura.

Verificamos em Verger (1999), outra forma de análise referente à “serpente bondosa” (Dangbe ou Dan) e que a mesma chamava a atenção dos viajantes, este autor enfatiza que ela, a serpente, “foi tomada como modelo das religiões africanas pelo presidente de Brosses em seu livro *Du culte des dieux fétiches*¹⁶, no qual, pela primeira vez, se emprega o termo fetichismo¹⁷”. Estes primeiros viajantes ao qual cita Verger (1999) encontram na região do Daomé¹⁸, “templos de proporção modesta e que abriga alguns pítons¹⁹”, uma forma diferenciada de culto que aos olhos dos viajantes – primeiros missionários – era “pitoresco e exótico”: mostram aos seus leitores os “estranhos costumes das populações visitadas²⁰”. “Estranho” não para o outro que é analisado, mas tal estranhamento dar-se-á por aquele que não esta inserido na cultura do Daomé e que olha o outro como “primitivo”, “animista”, desconsiderando a multiplicidade do termo “cultura”. Encontramos em Verger (1999), outra representação da serpente, ao qual este autor define como: Dan, a serpente arco-íris, símbolo da continuidade, esta divindade é representada como a serpente que morde a sua própria calda, formando assim um ciclo fechado e ao mesmo tempo, macho e fêmea é a riqueza e a fortuna .

Para Eliade (2009) “o homem ocidental experimenta certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o

¹⁴ J. D. BARROS. O Campo da História: Especialidades e Abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 84.

¹⁵ J.CHEVALIER, A. GHEERBRANT, Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores e Números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 799.

¹⁶ A adoração dos deuses fetichistas – grifo nosso.

¹⁷ P. F. VERGER. Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, Na África. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 503.

¹⁸Reino africano situado onde agora é o Benin – grifo nosso. Para uma maior compreensão ver: P. F. VERGER. op. cit., p. 11 - 33.

¹⁹ P. F. VERGER. op. cit., p. 503.

²⁰ P. F. VERGER. op. cit., p. 503.

sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo.²¹” Entretanto, a partir da fala de Eliade (2009), temos a presença de hierofonias, pois a serpente revela-se como algo que não mais se apresenta como serpente (animal), mas como sagrada.

Voltemos ao conto por nós analisado. O chefe Tangwena havia adoecido e necessitava da ajuda de Nyangar; assim, o personagem Tangwena se dirige aos homens da aldeia e diz:

“– Estou muito mal. Vocês precisam buscar Nyangara. Ela vive no alto de uma montanha distante, dentro de uma caverna escura como a noite. Antes de saírem, vou lhes ensinar o caminho e também duas coisas. Primeiro, levem como oferta um pote de chibuku, a bebida fermentada de milho que tanto agrada a nossa gente. Segundo, vocês têm de aprender uma canção, que só pode ser invocada em ocasião especial. Assim a serpente saberá que não estou bem de saúde e virá me ajudar²²”.

Contudo, os homens – “Em inúmeras tradições, desde os mais primitivos, o pote de barro é descrito como síntese do mundo, modelo reduzido do universo,...²³” – encarregados de buscar o réptil, para a obtenção da cura do seu chefe, levam consigo um pote de barro – “Símbolo da surdez e da estupidez²⁴” –, o qual continha uma oferenda; assim, os homens haveriam de aprender uma canção, que continha as palavras encantadas: Venha Nyangara, venha Nyangara, venha Nyangara,...²⁵”.

Referindo-se à serpente, Barbosa (2006), apresenta no decorrer do texto os meios de subsistência dessa etnia – “As plantações de milho, arroz e amendoim²⁶” – com as quais os homens cruzam antes de chegar à morada da grande serpente (a profunda grot). Após cantarem as palavras mágicas, o enorme réptil acorda, e começa a se desenrolar vagarosamente.

Barbosa (2006) demonstra no texto o referido medo dos homens ao avistarem a imensa cabeça escamada da serpente, deixando o pote cair no solo cheio de pedras, perdendo o líquido precioso. Os homens voltam à aldeia e conta o fracasso ao seu líder: “– Desculpe – disseram, ajoelhando-se aos pés do chefe. – Nyangara é muito grande e assustadora. Ficamos com medo e

²¹ M. ELIADE. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 13.

²² R. A. BARBOSA, Nyangara Chena: A Cobra Curandeira, São Paulo: Scipione, 2006. p. 7.

²³ J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT. Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores e Números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 495.

²⁴ J. CHEVALIER, A. GHEVALIER. op. Cit., p. 738.

²⁵ R. A. BARBOSA. Nyangara Chena: A Cobra Curandeira. São Paulo: Scipione, 2006. p. 8.

²⁶ R. A. BARBOSA. op. cit., p. 10.

fugimos²⁷”. Restava ao ancião e líder da aldeia a espera do seu último suspiro: A morte era inevitável. Os homens se retiraram e deixaram Tangwena abandonado à própria sorte.

Mas eis que não era chegado o fim: as crianças – meninos e meninas – invadiram a cabana e disseram: “– Grande e respeitoso chefe, nós não queremos que o senhor morra. Vamos ajudá-lo e estamos dispostos a buscar Nyangara²⁸”.

Além disso, Barbosa (2006), dando voz a Tangwena ao ver as crianças, assim nos narra: “– Mas vocês são tão pequenos! Meus guerreiros, valentes e fortes, não conseguiram cumprir a missão...²⁹”. As crianças assim responderam: “– Oh, mais velho, não vamos ter medo. Por favor! – rogaram”.

Caberia agora a missão às crianças. Para Chevalier & Gheerbrant (2007), a “[...] infância é símbolo de inocência: é o estado anterior ao pecado e, portanto, o estado edênico, simbolizado em diversas tradições pelo retorno ao estado embrionário, em cuja proximidade está a infância³⁰”. A espontaneidade que é dada por Barbosa (2006), nas crianças, demonstra a simplicidade do paradidático, assim o texto toma outra dimensão, pois as crianças passam a e inserir-se na história, refletindo o cotidiano do leitor a partir de suas leituras. Segundo Barbosa (2006), as crianças eram vinte ao todo. Buscamos em Chevalier & Gheerbrant (2007) um significado para esta numeração: “... o numero vinte representa o Deus Solar, na sua função de arquétipo do homem Perfeito³¹”. Assim, a simbologia das crianças está ligada diretamente à personificação de um homem.

Portanto, de acordo com Barbosa (2006), as crianças seguiram pelas pegadas deixadas pelos homens, dançando alegremente. O garoto que conduzia a fila leva consigo o pote com a bebida sagrada, equilibrando-a na cabeça. Cantando animadas as palavras encantadas, acordaram a serpente sagrada. A píton aproximou-se do grupo, arrastando o seu ventre pelo chão, passando a conta-los um por um:

“motsi [um]; piri [dois]; tatu [três]; china [quatro]; shanu [cinco]; tanhatu [seis]; nomwe [sete]; sere [oito]; pfumbamwe [nove]; gumi [dez]; gumi neimwe [onze]; gumi nembiri [doze]; gumi nenhatu [treze]; gumi nena [quatorze]; gumi neshanu [quinze]; gumi nenhanhatu [dezesseis];

²⁷ R. A. BARBOSA. op. cit., p. 10.

²⁸ R. A. BARBOSA. op. cit., p. 11.

²⁹ R. A. BARBOSA. op. cit., p. 11.

³⁰ J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT. Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores e Números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 302.

³¹ J. CHEVALIER, A. GHEVALIER. op. Cit., p. 958.

gumi nenomwe [dezessete]; gumi nesere [dezoito]; gumi nepfumbamwe [dezenove]; makumi maviri [vinte]³²”.

Há características humanas impregnadas no animal no texto, através da fala dos homens entoada pela serpente. Cosson (2009), salienta que o corpo- linguagem, o corpo- escrita, encontram na literatura seu mais perfeito exercício. O dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. De acordo com o conto, não havia uma demonstração de medo por parte das crianças e isso alegrava a serpente. Assim a Nyangara Chena subiu na cabeça das crianças, da primeira à última, estirando os seus quase dez metros de comprimento, conduzida pelo líder da fila até a aldeia.

Durante o retorno das crianças, juntamente com a serpente - que ia lambendo o pote cheio de sua bebida preferida. Ao longo da viagem de retorno, a estranha caravana era observada pelos animais do Zimbábue: a girafa, o elefante, o chacal, a lebre, o babuíno, o leopardo, o antílope, o hipopótamo, o crocodilo, a hiena, a tartaruga, o gavião, a águia, o abutre, a galinha-d’angola, entre tantos outros bichos, todos espantados com o inédito espetáculo³³.

Chegando à aldeia o clima era de luto, pois o Tangwena estava preste a morrer. Rapidamente Nyangara adentrou a casa do chefe, “esticou sua língua e começou a lambe a sola dos pés do moribundo estirado na esteira. Lambeu as pernas. O peito. A cabeça... e, milagrosamente, o ‘mais velho’ recuperou a saúde³⁴”. Consequentemente, as crianças levaram de volta a serpente à caverna e como forma de recompensa a “meninada” ganhou um boi de presente, e uma grande festa fora feita, mas os homens não foram convidados, pois eles quase deixaram o seu líder morrer.

Considerações Finais

Procuramos com este artigo, analisar as simbologias associadas à Nyangara Chena apresentadas por Barbosa (2006), neste conto são apresentados atributos de determinação por parte das crianças, a forma como os medos e os desafios ao longo da vida podem ser enfrentados e apresentados às crianças ou jovens (o público alvo deste livro - 6º ao 9º ano do ensino

³² R. A. BARBOSA. Nyangara Chena: A Cobra Curandeira. São Paulo: Scipione, 2006. p. 15.

³³ O autor deixa claras as características da fauna do Zimbábue enfatizando os aspectos desses animais, veja mais em: R. A. BARBOSA. op. cit., p. 18.

³⁴ R. A. BARBOSA. op. cit., p. 19.

fundamental), as varias forma de analisar a África, seja pela sua rica fauna ou pela forma diferenciada de abordagem através da literatura.

Adicionalmente, o diálogo com a literatura no Ensino Fundamental propõe a desconstrução dos preconceitos. As práticas em sala de aula voltadas para as etnias africanas possibilitam os questionamentos e estratégias para sua valorização, favorecendo a construção de uma identidade positiva para as crianças negras. O conto *Nyangara Chena: A Cobra Curandeira*, apresenta-se com um duplo pressuposto: tanto como forma de ensinar a ler e a escrever como para formar culturalmente o indivíduo.

O texto aqui analisado não só se apresenta como forma de interpretação da religiosidade de um “povo”, como sua exposição transpassa este saber. O conto apresenta um diálogo com a história oral, outra forma de apresentar as diferenças linguísticas de outra nação (Zimbábue), além de apresentar ludicamente a fauna, a flora e o meio de subsistência da cultura xona. Contudo, a prática pedagógica em sala de aula não fica presa aos estudos históricos, várias possibilidades são apresentadas ao professor: seja o espaço geográfico e suas múltiplas formas de trabalho em sala de aula, seja o estudo da Educação Artística (ilustrações de Salma Dansa) que dá vida aos personagens, entre tantas possibilidades de apresentar às crianças e jovens um recorte da África.

Contudo, a discussão aqui apresentada é apenas uma de muitas possibilidades de compreensão da multiplicidade da cultura africana na qual também estamos inseridos, além de uma discussão em torno das questões raciais na escola que se articula com a prática docente. Desta forma, a literatura aqui empregada tem o poder de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza, ampliando o conhecimento da nossa cultura e da cultura do outro, apresentando uma “maneira” de ensinar, que rompe o círculo da reprodução e da permissividade, mostrando que a leitura literária deve ser exercida com prazer, de forma a integrar o aluno à cultura.

Referências

BARBOSA, R. A. *Nyangara Chena: A Cobra Curandeira*. São Paulo: Scipione, 2006.

BARROS, J. D. *O Campo da História: Especialidades e Abordagens*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394 de 20 Dezembro de 1996.

BOURDIER, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1989.

CHARTIER, R. A História Cultural; Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

COSSON, R. Letramento Literário: Teoria e Prática, São Paulo: Contexto, 2009.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores e Números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PESAVENTO, S. J. História e História Cultural. São Paulo: Autêntica 2004.

VERGER, P. F. Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, Na África. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.